

Este exemplo mostra que nem sempre podemos decidir imediatamente quem está "certo" na descrição da verdade: se a pessoa que tem a alucinação ou se as demais. Pode-se pensar que o alucinado está experimentando algo que realmente existe fora de si e que o resto de nós não consegue perceber. No caso acima, poderíamos gravar o cricrilar com um instrumento de som e assim convencer os que duvidavam de que havia realmente "algo mais".

Todavia, na maioria dos casos de alucinação não há tal possibilidade. Se o conteúdo da alucinação diverge do que o resto de nós considera plausível e possível, logo chegamos à conclusão de tratar-se de alguma doença. Não obstante, é possível que em alguns casos as alucinações sejam causadas realmente por uma rara sensibilidade para alguma coisa em uma realidade distante e que não percebemos. (Não quero dizer, com isso, que tal ocorra em todas ou na maioria das ocasiões.)

Vimos exemplos de alucinações como expressão de experiências paranormais espontâneas, como, por exemplo, nos casos 1 e 16. Uma alucinação também pode ser coletiva, ou seja, experimentada simultaneamente por várias pessoas:

Caso 20. *Minha mulher e eu acabávamos de ser informados de que minha sogra estava morrendo. Estávamos começando a dormir. O apartamento permanecia em silêncio. Então ouvi claramente a porta principal abrir e fechar-se, e em seguida o passo arrastado de minha sogra, indo do saguão à cozinha. Mas eles diminuíram e pararam. Nada mais se ouviu. Minha mulher já não se lembra se ouviu a porta se abrir, mas assegura que percebeu os passos tão claramente quanto eu. Não há como não identificar aqueles chinelos. Isto aconteceu uns dois dias depois de ela ter morrido.*

Uma notável alucinação coletiva é descrita por C. J. Jung em sua autobiografia¹:

Visitando com um amigo uma igreja em Ravena, Jung encontrou no batistério quatro grandes mosaicos, de beleza indescritível. Ficou imaginando como poderia tê-los esquecido, mas não visitava o lugar há mais de vinte

anos. Os dois ficaram olhando os mosaicos mais de vinte minutos, discutindo os motivos bíblicos ali representados. Jung quis pedir fotografias dos mosaicos, mas não teve tempo de obtê-las. Voltando para casa, pediu a um amigo que iria visitar Ravena para que tirasse as fotografias. Este homem só pôde responder que não existiam mosaicos como aqueles a que Jung e seu amigo se referiam.

Jung comenta: "Esta experiência no batistério de Ravena deixou-me uma impressão profunda. Desde então, sei com certeza que algo interior pode parecer ser exterior e que algo exterior pode parecer ser interior. As paredes do batistério, embora as tivesse visto com os meus olhos, tinham sido encobertas e alteradas por uma visão que era completamente real. O que era real naquele momento? Meu caso não é, de maneira alguma, o único do gênero. Mas quando este tipo de coisa acontece a alguém não se pode deixar de considerá-la mais seriamente do que algo que se ouve ou lê. Em geral, nos casos assim, é-se rapidamente tentado a pensar em todo tipo de explicação para o mistério".

Um exemplo ainda mais impressionante de como esta realidade interior pode encobrir completamente a exterior é o seguinte:

Caso 21. *Ao visitar as pirâmides do Egito, experimentei viajar para trás no tempo em que aqueles grandes monumentos foram construídos. Olhei em torno muito cuidadosamente e a experiência foi demorada.*

Na noite em que descansava no hotel, ainda antes de adormecer, vi-me de repente transportado para o Egito antigo e dentro de uma gruta gigantesca. Fiquei lá, fascinado, observando as pessoas à minha volta. Mas então me levantei para fazer qualquer coisa necessária. A luz estava apagada, mas a gruta iluminada. Não havia interruptor perto da cama. Ele ficava na parede. Mas tive dificuldade em encontrá-lo. Sabia que deveria ficar em outro local. Mas lá era a montanha. Finalmente coloquei a mão através da parede da gruta e encontrei o interruptor. Ao acender a luz a caverna desaparecera, e lá estava eu novamente no meu quarto de hotel.